

NUANCES SOBRE O DISCURSO DA LOUCURA, IDENTIDADE DE GÊNERO E DE SEXUALIDADE EM *PRIMEIRAS ESTÓRIAS*, DE GUIMARÃES ROSA¹

NUANCES ON THE DISCOURSE OF MADNESS, GENDER IDENTITY AND SEXUALITY IN PRIMEIRAS ESTÓRIAS BY GUIMARÃES ROSA

Tainara Rodrigues Mendes²
Guilherme Figueira-Borges³

Resumo: Neste artigo, temos como objetivo analisar, discursivamente, como o discurso da loucura incide na construção de identidades de gênero e de sexualidade a partir dos contos “Sorôco, sua mãe, sua filha”, “A menina de lá” e “A terceira margem do rio” na obra *Primeiras Estórias*, de Rosa (2005). Para tanto, inscrevemo-nos no campo da Análise do Discurso foucaultiana (1992, 2019, 2020) em diálogo com as ponderações sobre “literatura” de Fernandes (2006) e sobre “autoria” de (Figueira-Borges, 2019). A partir das análises, demonstramos que o discurso da loucura incide nas construções identitárias de gênero e de sexualidade dos sujeito-personagens, delineando práticas corporais sócio-históricas possíveis para a mulher e o homem na trama narrativa dos contos roseanos.

Palavras-chave: Discurso; Loucura; Gênero; Sexualidade; Guimarães Rosa.

Abstract: This article aims to analyze, from a discursive perspective, how the discourse of madness plays a role in the construction of gender and sexuality identities in three short stories of the book *Primeiras Estórias* (1962) written by the Brazilian author Guimarães Rosa (2005): "Sorôco, sua mãe, sua filha", "A menina de lá", and "A terceira margem do rio" (in Portuguese). It draws on the Foucauldian Discourse Analysis (1992, 2019, 2020) interfaced with assumptions on “literature” as posited by Fernandes (2006) and on “authorship” as posited by Figueira-Borges (2019). The analysis demonstrates that the discourse of madness interferes with the subjects-characters' identity constructions of gender and sexuality, defining social and historical bodily practices for men and women in the narrative of Rosa's short stories.

Keywords: Discourse; Madness; Gender; Sexuality; Guimarães Rosa.

CONSIDERAÇÕES INICIAIS

Os jogos de saberes da época clássica, durante muito tempo, tentaram definir/materializar a loucura no nível corpóreo, mas na descontinuidade histórica falhou-

¹ Este trabalho é parte da dissertação intitulada “LOUCURA E IDENTIDADES DE GÊNERO E DE SEXUALIDADE NA OBRA PRIMEIRAS ESTÓRIAS, DE GUIMARÃES ROSA”, de Tainara Rodrigues Mendes, defendida no Programa de Pós-graduação em Estudos da Linguagem (PPGEL/UFCAT) em 2022.

² Graduada em Letras pela Universidade Federal de Goiás. Mestra pelo programa de Pós-graduação em Estudos da Linguagem da Universidade Federal de Catalão (PPGEL/UFCAT). Membro do do Grupo de Estudos do Discurso e de Nietzsche - GEDIN. Contato: tainaramendes@gmail.com

³ Professor do Curso de Letras - Câmpus Inhumas e do Programa de Pós-graduação em Língua, Literatura e Interculturalidade (POSLLI/UEG) e do Programa de Pós-graduação em Estudos da Linguagem (PPGEL/UFCAT). Líder do Grupo de Estudos do Discurso e de Nietzsche - GEDIN. Contato: guilherme.borges@ueg.br

se nessa tentativa, desvelando a tênue linha entre loucura e sanidade, isto é razão e não razão ou quer façamos um paralelo, o dito e interditado ou talvez o louco e são e tantos outros discursos binários possíveis e passíveis de emergência. É possível dizer que sutil também é o fio que costura o discurso da loucura na constituição do sujeito presente na materialidade de *Primeiras Estórias* (1962, 2005), de João Guimarães Rosa. O discurso da loucura que agencia a construção do sujeito da narrativa rosiana e por isso, produz diferentes identidades no orienta ao conto rosiano *A terceira margem do rio* que descreve a história de um homem que, renunciando ao seu cotidiano e de seus familiares a fim de viver isoladamente dentro um barco de único assento toma a superfície corrente de um rio e nos faz questionar assim como na narrativa, **“São todos são loucos ou nenhum é?”** (ROSA, 2005, p. 81). O sujeito dessa narrativa homem e pai de família, opta pelo embarque único ao curso das águas, sem ter como sobreviver nos dias subsequentes, ao passo que tal atitude gera indagação de seus familiares, uma escolha repentina que escapa à compreensão de seus parentes, isto é, foge ao razoável, àquilo que não possui sentido ou determinada “lógica”, pois o homem abandonara tudo para viver à superfície das margens. Ao problematizar essa narrativa, aponta-se para a relação visceral entre razão e desrazão, logo loucura e dizer ou, especificamente, o não dizer, o dizer interditado, espaço e condição os quais o sujeito de análise dessa narrativa é localizado. Essa relação é constituída e constitutiva dos/nos limites discursivos, pois a linguagem ao passo que legitima, anula e condena o sujeito-louco a um entre-lugar, isto é, entre-margens do rio. Poderia a loucura então ser parte constituinte e constitutiva de todos nós (os homens)? À medida que a loucura é o grau zero do homem, este que se lança às margens e à movência das águas, podendo então ela constituir tal sujeito? (FOUCAULT, 2019).

Compreender as margens como entre-lugares situa o discurso da lepra enquanto discurso e condição de marginalização, pois, mesmo depois de desaparecer do ocidente, já no final da Idade Média, os chamados leprosários se tornaram inóspitos, mas refletiram o gesto do afastamento ou “apagamento” de indivíduos que não poderiam aderir ao convívio social devido a uma doença de pele, àquele tempo, não tão conhecida na área dos tratamentos médicos. Ainda que se configurasse sob esse discurso, outras identidades corpóreas de repulsa, aversão, bem como outros efeitos de sentido o gesto se desponta como herança no horizonte da idade clássica. É a partir do século XV que ocorre o

esvaziamento desses lugares tendo o seu sentido deslocado, cuja função de “curar” e se reintegrar espiritualmente sob a moral de Deus, fazem surgir práticas cruéis de exclusão e silenciamento. Alguns séculos mais tarde, esses locais começam a ser povoados por ‘curáveis’, posto que poderiam ser submetidos ao tratamento e os incuráveis; vagabundos, pobres, alienados, presidiários e outros desajustados (FOUCAULT, 2019). O *status* do louco esteve em constante movimento no devir da história, deslocando-se da condição de mensageiro divino e posteriormente, ao ser localizado no âmbito da morte, principalmente no período das grandes navegações, em que o louco representava o presságio dela. No classicismo, a alcunha de louco não se fazia valer sob uma organização médica das doenças, mas a partir de tudo que poderia ser considerado loucura olhado por um viés homogêneo.

No desdobrar dos leprosários em casas de detenção, o hall dos excluídos, recebera não mais somente loucos, vagabundos ou mendigos, mas todos os indivíduos que transgrediam determinado modelo de padronização, como a prostituta, o homossexual, o imbecil, o espírito fraco, etc. Ao lançar olhar para o discurso da loucura nas narrativas de *Primeiras Estórias* (2005), ajustamos o ângulo para a cidade de Barbacena, situada no estado de Minas Gerais e sede de um dos grandes internamentos psiquiátricos brasileiros, o hospital Colônia. A cidade conhecida como “cidade dos loucos” é contexto para umas das narrativas rosianas, o conto *Sorôco, sua mãe, sua filha* que retrata a família do viúvo Sorôco, composta pela figura do homem, já de meia idade, de sua filha e mãe. Esse personagem se vê na condição de separar-se delas, uma vez que Sorôco cuidava das duas sozinho e, diante da loucura enquanto condição, as coloca em um trem com destino à Barbacena-MG. A figura masculina de Sorôco, apesar de forjada na robustez, obteve compaixão ao levá-las até o carro que tinha como destino a cidade mineira. Durante o trajeto até à estação, uma cantiga sem sentido surge por parte da filha que logo é acompanhada pela mãe, ao passo que as pessoas que acompanhavam aquela espécie de procissão, o diziam sem razão ou lógica alguma. Já na volta para casa, Sorôco principia o mesmo canto, porém é levado com complacência e cuidado ao lar.

Diante disso, é possível traçar um paralelo entre a narrativa rosiana com o hospital psiquiátrico Colônia, de Barbacena, haja visto que os sujeitos-personagens mencionados no conto têm como destino a cidade mineira, local de referência em “tratamento da

loucura”, o qual as mulheres eram condicionadas à contragosto. As pessoas eram assujeitadas a castigos como, por exemplo, chicoteamento, cadeira elétrica, maus tratos, fome e outras mínimas ou nulas condições de existência, sob os ditames de comportamentos e condutas do hospital. O hospital psiquiátrico mineiro foi considerado um dos maiores centros de internamento brasileiro e territorializou identidades variadas como grávidas, mulheres que viviam em cárcere por seus maridos, àquelas que perdiam a virgindade antes do casamento e até mesmo mulheres violentadas nos locais em que desenvolviam alguma atividade de cunho doméstico (FOUCAULT, 2019; ARBEX, 2013). Todos aqueles sujeitos que, na sua heterogeneidade, de alguma forma ou de outra, representavam o desvio para a ordem da sociedade burguesa e moralista da época – aqui, permita-me destacar o sujeito-mulher que durante décadas foi agenciada em identidades constituídas por e nas relações de poder-saber, produzidas por instituições, como a do hospital psiquiátrico, por exemplo, além de potencializar discursos e práticas de exclusão, de silenciamento, de violência ao se orientar às desigualdades entre gêneros produzidas e agenciadas pelo discurso da loucura.

Este artigo tem, pois, o objetivo de analisar como o discurso da loucura constrói e constitui as identidades do sujeito-mulher na materialidade de *Primeiras Estórias* (2005), também lançamos mão do conto *A menina de lá*, que fala sobre a vida da sujeito-personagem Nhinhinha, uma menina de pouca idade que caracterizavam “santa”, devido à realização de “milagres”. Por conseguinte, nos primeiros anos da menina, ela se demonstrava bastante quieta, reclusa e estava sempre pelos cantos, ainda que a família a incentivasse a outras atividades ou brincadeiras. Dizia coisas ou contava histórias que ninguém entendia, porque essas não poderiam se pautar em dada razão, uma vez que estava situado do outro lado dela. Os pais receavam o comportamento da filha e buscavam puni-la como forma de refrear as atitudes, orientadas pela loucura ao constituir o sujeito-personagem de Nhinhinha. Com o passar do tempo e com as repressões advindas da família, a menina adoece e morre.

Além das narrativas descritas, nos esbarramos também em outros dois contos a fim de problematizar, em contrapartida, como o discurso da loucura agencia os sujeitos-personagens masculinos, ao serem constituídos pelo discurso que perpassa a materialidade dos contos rosianos, o texto supracitado *A terceira margem do rio*, narrado

pelo sujeito-narrador-personagem do filho que não consegue compreender a escolha repentina e peculiar de seu pai. No início da narrativa, o contexto versa sobre uma família que levava uma vida rotineira, até que o pai resolve construir uma canoa de um único assento. Sem justificar a decisão, assim que a canoa fica pronta, a figura masculina do pai se lança ao rio que tinha próximo à casa e lá permanece na perenidade do tempo, sozinho e entre as margens das águas. O tempo passa e o homem se mantém na escolha que gerava estranheza por parte da família e conhecidos próximos, pois no páreo da razão, o sujeito era caracterizado como “ordeiro”, isto é, ajuizado ou sensato, até que passa a ser considerado louco quando adentra o rio e não volta. A narrativa que parecia se desdobrar para um final trágico, abre possibilidade de transformação e de uma espécie de recobrar da consciência ou da razão, quando o pai aceita trocar de lugar com o filho, porém não se concretiza, uma vez que o filho desiste da decisão e vira as costas para o homem que permanece nesse espaço de entre-lugar.

SOBRE O DISCURSO DA LOUCURA

É na dialética *loucura – gênero (sujeito-mulher)* que orientamos o nosso objetivo geral que consiste em analisar, sob os postulados de Michel Foucault, de que maneira o discurso da loucura configura e constitui as identidades do sujeito-mulher em fragmentos dos contos supramencionados de *Primeiras Estórias* (2005). Delimitamos como objetivos ainda, o questionamento de como o discurso da loucura impacta nas maneiras de ‘ser Mulher’ no texto rosiano; incidindo na constituição de subjetividades (identidades) em um processo sócio-histórico, na medida em que elas podem se transmutar ao delinear o sujeito-mulher; também analisar a constituição de feminilidades na obra rosiana ao passo que se compreenda os gêneros como construtos socioculturais ainda que perfilando identidades díspares de gêneros em *Primeiras Estórias* (2005). Além disso, ao situar a loucura nesses espaços, será possível visualizar como ela, por meio da linguagem, subverteu identidades e invalidou o sujeito-mulher frente às práticas de exclusão, opressão e silenciamento

Nesse sentido, acreditamos que exista uma espécie de relação, configurada pelo e no discurso da loucura no texto rosiano que orienta e agencia comportamentos para o

sujeito-mulher na narrativa, ao delinear identidades específicas à mulher diferentemente do sujeito-homem na materialidade rosiana. Voltando à Foucault (2019), o filósofo notadamente, dedicou-se à temática da loucura na década de 1960 ao fazer uma arqueologia da loucura e do louco em seu livro *História da Loucura na Idade Clássica* (2019), não com o objetivo de mapear o seu surgimento, mas de entender como esses métodos possibilitaram uma espécie de continuidade do olhar que excluiu o anormal e no nosso caso, a mulher. Em termos gerais, o filósofo buscou uma espécie de cartografia dos discursos que se inscreveram na Modernidade e de que maneira esses reatualizaram outros discursos, instituindo novas relações de forças e de controle do corpo considerado louco. O que Foucault chamou de psicologização da loucura, na virada do séc. XVIII para o XIX, veio a ser a *psiquiatria*. De acordo com Nalli (2003), a produção intelectual foucaultiana é construída sob bases de alguns movimentos importantes no âmbito da Filosofia, seja para estabelecer aproximações ou distanciamentos de seu pensamento: a epistemologia francesa, em que Foucault (2019) se utilizará de seus mestres e estudiosos da área, como Georges Canguilhem (1990); a fenomenologia com Hegel (s/d); estruturalismo com Lévi-Strauss (1967) e a experiência trágica para Nietzsche (1969; 1988), arcabouço teórico que Foucault retoma, especialmente pelo olhar através da literatura de Bataille (1989) e Blanchot (1995).

No que diz respeito ao nosso *corpus* de pesquisa, podemos dizer que situado em uma função-autor, João Guimarães Rosa reatualiza o discurso da loucura aqui no Brasil, fazendo uma denúncia, através da literatura, do período de ascensão manicomial que se arrastou por longos anos, mas ganhou ênfase entre as décadas de 1960 e 1970, momento em que houve um extermínio em massa nos manicômios da época. A obra *Primeiras Estórias* (2005) é um conjunto de contos com diferentes temáticas, embora, acredito eu, com zonas de vizinhanças (no sentido de proximidade), especialmente no que diz respeito ao discurso da loucura e da mulher enquanto sujeito. Esboçar como os discursos que perpassam tal literatura, potencializam tão somente uma função a espera de ser ocupada como factível de transmutação e/ou modificação – a função-autor. Essa atribuição fez surgir uma escrita singular, apelativa e crítica a questões sociopolíticas e coletivas, descrevendo a vida a partir de episódios reais de indivíduos ‘anormais’. Nesse sentido, essa designação de autor não poderia estar atrelada propriamente dito à Guimarães Rosa,

mas seria um efeito de autor à medida que se organiza em dada materialidade linguística de discursos que, no contexto da loucura, possibilita o deslocamento no feixe de posições-sujeitos e na superfície de emergência de discursos possíveis que se modificam entre uma focalização ou contexto histórico e outro. A obra, nesse sentido, possui uma atribuição de relevância, pois chancela o autor, uma vez que é necessário pensar no termo obra como tudo que foi produzido por Guimarães Rosa e não apenas nas demarcações das unidades materiais, como a do livro, por exemplo. Ao passo que a escrita preserva a existência de uma materialidade, faz surgir a função-autor que fragmenta o indivíduo e possibilita o deslocamento e a inscrição em teias de posições-sujeito, produzidas no/por discursos outros e na/pela historicidade o qual esse sujeito esteja inserido (FOUCAULT, 1992). Pensar na escrita é olhar para o fracionamento do sujeito em diferentes posições e também perceber uma marcação de autoria ou registro, a incumbência ao sujeito que, pela linguagem faz regressar à superfície dos discursos aquilo que antes estava não-visível, nos dizeres de Figueira-Borges (2019, p. 154), “a escrita implica apontar um sujeito que irrompeu a superfície, ilusoriamente, lisa do papel em branco e, por meio de materialidades, tornou turvo tudo aquilo que, nas cristalizações sociais, parecia transparente”.

Ainda nessa perspectiva, a obra rosiana, dialogando com Foucault (2020, p. 28), é um conjunto de outros textos, nunca homogênea, pois “está preso em um sistema de remissões a outros livros, outros textos, outras frases: nó em uma rede”, fazendo com que o nome próprio do autor denote sob diferentes aspectos, seja em um prefácio, em um rascunho de papel, em vida ou após a sua morte, que ele chamará de função-autor. Essa função é modificável e não resulta de uma atribuição de um discurso ao nome próprio do autor, mas do seu nível de valor, do seu campo de coerência em que se é preciso admitir as suas camadas mais profundas,

Admite-se que deve haver um nível (tão profundo quanto é preciso imaginar) no qual a obra se revela, em todos os seus fragmentos, mesmo os mais minúsculos e os menos essenciais, como a expressão do pensamento, ou da experiência, ou da imaginação, ou do inconsciente do autor, ou ainda das determinações históricas a que estava preso (FOUCAULT, 2020, p. 29).

Foucault (2019) se dedica a uma analítica dos discursos que constituem a modernidade a partir de outros já ditos. Não se trata de uma origem do discurso da loucura, mas dos procedimentos que permitiram relacionar, agrupar, diferenciar e, sobretudo, dizer sobre uma história marginal e silenciada, a do louco (a). Marginal, pois no devir da história, a nossa cultura condenou o anormal ao nível limítrofe das margens de sua existência. Apontar para esses limites discursivos, alude às relações de proximidade ou marginais que os discursos possuem uns com os outros. Ao lançarmos o olhar para a obra *Primeiras Estórias* (2005), é preciso levar em consideração que essa unidade não é senão um conjunto de outros textos que denota um signo de um nome próprio, isto é, o de Guimarães Rosa, ao passo que lhe confere determinada “originalidade”. A unidade material do livro marca por si só o seu começo e o seu fim, ao ter as suas fronteiras delimitadas pelos signos linguísticos.

Além disso, essa unidade não pode ser considerada pré-acabada, uma vez que sempre estará relacionada a outras unidades, outros discursos constituindo um campo complexo ou associado de discursos (FOUCAULT, 2020) e é a partir disso que queremos desenvolver as nossas análises sob questionamentos de como as práticas do sujeito-mulher são delineadas na loucura ou ainda como esse discurso agencia a constituição de tal sujeito ao produzir também identidades específicas para a mulher e para o homem. Diante dessas problematizações, delimitamos um escopo de análises da obra literária a partir dos vértices assimétricos e tensivos do discurso da loucura e da construção dos papéis de gênero, tendo como hipótese a premissa de que o discurso da loucura se inscreve e constitui o sujeito-mulher, constituindo identidades específicos de ser, agir, comportar-se, vestir-se, etc. Os discursos penetram no corpo determinando formas do sujeito viver e prática o gênero (COSTA; FIGUEIRA-BORGES, 2018) Justificamos a pertinência deste estudo ao problematizar e refletir a constituição desse sujeito, as possíveis significações da loucura na narrativa e como os gêneros e as sexualidades interferem diretamente nessa construção; de que forma ela é vista, banalizada ou reconhecida, legitimada ou anulada na obra rosiana.

Fazer uma arqueologia dos saberes – e logo, da loucura na obra rosiana – implica em analisar o conjunto de enunciados, restituir o discurso da loucura a sua necessidade de acontecimento exterior à língua, emergindo em determinado momento, mas

reverberando em discursos outros, os quais se é preciso considerar as condições de possibilidade (FOUCAULT, 2020). Nesse sentido, Foucault (2020), refere-se aos procedimentos e, também, aos modos de enxergar e interpretar as coisas inscritas em determinadas práticas de saber, volta-se para a análise dos efeitos(s) em um jogo de poder(es) e situa na/pela história descontínua, a premissa de compreender a constituição dos sujeitos na modernidade. A arqueogenealogia é, assim, uma “ferramenta e instrumento para o esboço de uma história do presente, que possibilita, em última instância, uma crítica e a transformação do nosso mundo e daquilo que somos” (PRADO FILHO, 2017, p. 313). Nesse sentido, é importante visualizar e trabalhar com a arqueogenealogia não enquanto uma metodologia, mas como um método histórico que implica em analisar a produção de discursos e todo o seu aparato. Nos dizeres de Prado Filho,

(...) não desce ao nível de um detalhamento dos procedimentos, configurando algumas prescrições de prudência, nas suas próprias palavras; mais ainda: não é método a priori, proposta definida aplicável genericamente a qualquer estudo histórico, mas deve ser estratégia traçada para cada situação específica, em correlação direta com o objeto e problema de pesquisa, construídos, todos, num mesmo movimento. (PRADO FILHO, 2017, p. 312).

Nesse sentido, a arqueogenealogia se ocupa com o questionamento do sujeito moderno, ao ser potencializado e agenciado por relações de força e de poder que pode o situar em identidades distintas. Com efeito, tentaremos estabelecer o balizamento entre nosso *corpus* e algumas análises em momento ulterior e diante disso, esta dissertação é dividida em três capítulos tendo subtítulos como marcações de temáticas relevantes. Ainda, em decorrência de nossa escolha por esse modelo, pautando-se na relação *teoria – análises*, denominamos os excertos selecionados da narrativa em *SE – Sequências Enunciativas* enumeradas para fins de estruturação e organização de nossas consecutivas análises.

Nesse sentido, orientar-nos-emos à compreensão do que foi considerado loucura e das “rupturas” que Foucault estabelece no que tange ao discurso enquanto patologia e em momento anterior, como devaneio, com o objetivo de traçar como o discurso da loucura se (re)significou sob muitos aspectos e mais do que isso, como delineou o sujeito-mulher em uma identidade louca ao longo do tempo e da história. Além disso,

analisaremos de que forma os saberes classificaram, esquadrinharam e territorializaram esse corpo. Posteriormente e ainda na mesma divisão, discorrer-se-á acerca dos poderes, aquilo que se pode possuir e controlar: a vida, o corpo, os comportamentos, as condutas e como essas relações de poder incidem sobre os corpos, dominando-os, quadriculando-os e tornando-os dóceis e úteis na narrativa. Ainda, refletir como os discursos encontraram na norma, parâmetro para definir padrões normativos a respeito da identidade fixada à mulher como louca.

Diante disso, nos inscrevemos no campo da Análise do Discurso francesa, especialmente nos postulados de Foucault (1992, 2019, 2020) em um diálogo com as discussões acerca da “literatura e seus espaços”, de Fernandes (2006), “o que é literatura”, para Machado (2000) e reflexões acerca da noção de autoria em Figueira-Borges (2019) em uma tentativa de observar, analiticamente, como são construídos sócio historicamente e a partir da literatura enquanto simulacro vazio e repetível da linguagem.

DA NAU DOS LOUCOS AO TREM DOS DOIDOS: um breve recorte sobre a loucura

Foucault realiza algumas descobertas importantes no que diz respeito a essa temática, principalmente na década de 1960, articulando a Modernidade com a época clássica, em que propõe novas perspectivas e uma arqueologia da loucura, com a sua tese de doutorado que resulta no livro, *Histoire de La Folie À L'age Classique*⁴ (traduzido para o português, História da Loucura na Idade Clássica). Os estudos do filósofo sofrem influências de outras vertentes, como a epistemologia, em que Foucault elenca os estudos de seu professor e epistemólogo, Georges Canguilhem dentre outros, como Bachelard e Cavaillès, na medida que se situa, em contrapartida, nos estudos dedicados ao método desenvolvido por ele da descrição dos discursos – a arqueologia.

Nos trabalhos foucaultianos, há uma delimitação de um campo de estudo que se ocupa de uma investigação da cientificidade, de crítica ao conhecimento científico, dos resultados produzidos a partir das ciências, fundamentando-as e conferindo valores, ou melhor, vontades de verdade sob uma história que se localiza no princípio progressista da

⁴ Livro publicado pela primeira vez em 1961. Utilizarei a 12 ed., com publicação em 2019, pela editora Perspectiva.

evolução. Ao passo que, a arqueologia de Foucault (2020), volta-se para as ciências humanas, os estudos acerca do homem, a qual não se pretende considerar o viés de uma história cronológica ou linear, mas sim a descontinuidade que possibilita um deslocamento entre modernidade e época clássica, não conjurada apenas nos princípios de uma racionalidade humana. Embora seja preciso esclarecer que Foucault não nega as contribuições da epistemologia para os estudos acerca de seu método, mas não se configura sobre ela a sua arqueologia (MACHADO, 2000). No que tange ao método arqueogenealógico de Foucault, ainda que ele não tivesse escrito ainda o seu livro *Arqueologia do Saber*⁵, o qual destina as suas preocupações acerca da descrição e análise do discurso, Foucault já utilizava da arqueogenealogia em *História da Loucura*, com uma premissa de se pensar, segundo Machado (2000), o que seria a contemporaneidade, isto é, a modernidade em relação ao período clássico, a partir de rupturas, de dispersões da loucura, utilizando a linguagem e a literatura para tal. A pesquisa do filósofo não estaria voltada somente para a loucura em si, mas também para o louco e para as suas próprias condições de existência.

Utilizar o método arqueogenealógico nos orienta ao discurso da loucura no sentido de questionar como ele agencia e constitui o sujeito-mulher caracterizado de diferentes formas, inseridos em redes de saber-poder e relações de força que incidem sobre esse sujeito nos contos de João Guimarães Rosa. A constituição desse sujeito em *Sorôco, sua mãe, sua filha*, é representado pelas duas mulheres loucas que entoam um canto desrazoado ou fora da racionalidade e por isso são enviadas ao hospício por Sorôco, o viúvo da família que também é o encarregado de cuidar das duas. Ou ainda podemos observar essa construção em *A menina de lá*, que tem como sujeito-personagem, a figura de Nhinhinha, uma menina que é caracterizada na loucura cujo linguajar não pode ser situado no modelo ‘normal’ para a família, visto que as frases não possuem algum sentido, quadriculando um espaço ao sujeito que vivia nos cantos e estava sempre quieta. Ao observar a recorrência desse discurso é possível perceber que se tratando do conto *A terceira margem do rio*, as atitudes do pai de família, que abandona a casa e os familiares para morar em um barco no rio que passava próximo não podem ser configuradas na

⁵ Texto sobre o método arqueológico de Michel Foucault, cuja primeira publicação ocorreu em 1969. Uma arqueologia destinada à descrição do discurso, enquanto procedimento, a fim de perceber suas regras, técnicas, sistematicidades, no jogo de suas relações e condições que possibilitam a sua aparição.

loucura, visto que se tratara de um homem sensato e racional, o qual a família e os amigos atestavam sempre a ordem. Utilizar o método foucaultiano possibilita espaços de questionamentos ao apontar para a remanência de um mesmo discurso, porém, produzindo efeitos de sentidos diferentes, haja visto que é preciso considerar as relações de saber-poder que perpassam e entrelaçam essas narrativas quando destacamos o sujeito-mulher em específico.

DAS SENSIBILIDADES DA LOUCURA À RELAÇÃO COM AS ÁGUAS: produzindo diferentes sujeitos nos limites do começo e fim de um embarque absoluto

De acordo com Foucault (2019), é no horizonte da Renascença que a loucura é atrelada à sensibilidade das águas com a nau dos loucos. No mar da Idade Média, o objeto de cunho marítimo, *Narrenschiff*⁶ – a nau dos loucos, dos insensatos, do satirista Sebastian Brant (1494), uma das primeiras obras em alemão do século XV – para alguns, um embarque imaginário que, destina-se a uma busca não tanto de riquezas, mas da própria verdade e razão. Esses navios de grande porte, comumente designados ‘naus’, levavam os loucos que eram expulsos de suas cidades e se atracavam nos portos entre uma cidade e outra. Esse cenário de “limpeza” por meio das águas tornou-se comum em muitos lugares da Europa e era ordenado aos navegantes que livrassem os muros das cidades dos loucos.

A representação dessa navegação em direção ao silenciamento ou quer seja uma verdade, respingam na contemporaneidade dos contos rosianos. No terceiro conto *Sorôco, sua mãe, sua filha*⁷, da obra *Primeiras Estórias* (2005), o desdobramento da narrativa acontece no caminho da estação que levaria as duas mulheres para o tratamento na cidade mineira de Barbacena. A nau da atualidade é o expresso do Rio. O trem que levava as mulheres loucas ao hospício é feito e isolado com grades e vagões devidamente

⁶ *Das Narrenschiff* é uma obra alemã de Sebastian Brant, humanista, que satiriza a insanidade humana. Impressa pela primeira vez em 1494, o texto é uma descrição de uma viagem fantasiosa de 112 loucos, com destino à “Narragônia”, a terra prometida. Cada um dos loucos denotava uma característica diferente das condutas humanas. O livro contém inúmeras xilogravuras e em pouco mais de 100 anos após a sua primeira publicação, já havia mais de 40 edições com traduções em outras línguas.

⁷ O terceiro conto do livro de contos *Primeiras Estórias* (2005), publicado pela primeira vez em 1962, que versa sobre a história de Sorôco, um viúvo que se vê na condição de sentenciar a filha e a mãe ao hospício, pois eram loucas.

separados, como se a carga fosse demasiada perigosa ou violenta, a ponto de ser indesejável. É o trem do sertão que recolhe a filha e a mãe já de idade e tem como destino a cidade de Barbacena-MG. Destacamos a peregrinação do louco, a qual Foucault salienta em História da Loucura (2019) também na narrativa de Guimarães Rosa, ao descrever o trem dos loucos cujo bilhete era somente de ida para esse lugar de repressão, ao aludir o trem que levava os “doidos” para o Hospital Colônia⁸, na cidade mineira.

De acordo com Arbex (2013), a expressão “Trem de doido” é criada por Rosa em uma referência ao expresso que tinha como destino, a última estação Bias Fortes que ficava escondida aos fundos do Colônia. Ainda dialogando com a autora, essa expressão emerge em caráter profícuo na literatura, mas como o contexto sócio-histórico marcava um período sombrio, a expressão logo se torna pejorativa e insultuosa ao referir-se aos considerados desagradáveis e por isso, também interditados. Os passageiros chegavam com fome e com medo do desconhecido, alguns sequer sabiam o destino, quer sejam as justificativas de estarem ali, “acuados e famintos, esperavam a ordem dos guardas para descer, seguindo em fila indiana na direção do desconhecido. Muitos nem sequer sabiam em que cidade tinham desembarcado ou mesmo o motivo pelo qual foram despachados para aquele lugar” (ARBEX, 2013, p. 25).

Práticas supressórias de tratamento do louco são, sobretudo, velhas e não por isso, menos recorrentes. Retomando os postulados de Michel Foucault (2019), antes dos loucos serem expulsos das cidades, eram açoitados em praça pública (ainda que não fossem julgados por nenhum crime), esses açoitamentos os colocavam em um mesmo nível que os criminosos, deslocando a sensibilidade de tratamento, incumbida pelo hospital psiquiátrico, uma vez que esses “espetáculos” públicos eram voltados aos sujeitos que infringiram a *lei* ou cometiam dado crime. As punições e consequentes mortes se desdobravam em cadafalsos, nas partes geograficamente centrais das cidades, como forma de exibir essas cenas e reafirmar uma soberania monárquica. A relação da loucura com as águas caracteriza uma insanidade que está em constante movimento, no ir e vir do curso dos rios, o louco se localiza às margens, isto é, entre os seus limites. Permitir ao

⁸ A psiquiatria no Brasil é recente, do século XIX. Pedro II institui em 1841, a criação do primeiro hospício no Brasil, o Colônia que em menos de 40 anos depois, já registrava as primeiras ocorrências de maus tratos e falhas no atendimento, além de uma carência enorme de funcionários especializados, como psiquiatras e psicólogos, profissionais especializados no tratamento, conforme Arbex (2013).

louco, a sua própria navegação, era também ter a certeza definitiva de sua partida, de um único embarque. Embora, como descreve o filósofo, o mar, mais do que objeto de “limpeza”, possuía um caráter de “purificação”, conforme podemos visualizar abaixo,

A navegação entrega o homem à incerteza da sorte: nela, cada um é confiado a seu próprio destino, todo embarque é, potencialmente, o último. É para o outro mundo que parte o louco em sua barca louca; é do outro mundo que ele chega quando desembarca. Essa navegação do louco é simultaneamente a divisão rigorosa e a Passagem absoluta (FOUCAULT, 2019, p. 11).

Essa “passagem absoluta”, segundo M. Foucault, marca o limite do louco no que diz respeito à esfera a qual o homem da idade média teria que se preocupar, visto que a sua partida deveria cancelar o seu afastamento, não havendo outro castigo senão o do seu próprio limiar. Ele é colocado nesse lugar de “passagem”, no qual se torna também prisioneiro entre “mundos” que jamais poderão lhe pertencer, firmando assim, o ritual do embarque, conforme podemos observar na alusão do filósofo,

É um prisioneiro no meio da mais livre, da mais aberta das estradas: solidamente acorrentado à infinita encruzilhada. É o passageiro por excelência, isto é, o prisioneiro da passagem. E à terra à qual aportará não é conhecida, assim como não se sabe, quando desembarca, de que terra vem. Sua única verdade e sua única pátria são essa extensão estéril entre duas terras que não lhe podem pertencer (FOUCAULT, 2019, p. 12).

A associação da água com a loucura se estabelece na época clássica, principalmente, devido às condições climáticas, a brisa fria que alcançava o corpo e que poderia induzir à insanidade. Esse lugar de passagem certifica o lugar de pertencimento do louco que se faz valer na materialidade do conto *A terceira margem do rio*. A história de um homem que, repentinamente, encomendou uma canoa de madeira cujo assento era único, além da escolha de morar nos limites do rio. A família, inicialmente, não questionou a ideia, visto que moravam próximo a um rio e tal encomenda poderia ser para a pescaria. Quando a canoa ficou pronta, o silêncio invade o homem, que não se arrepende e se lança às margens do rio, deixando a família para trás e se estabelecendo, segundo Foucault, nessa espécie de “divisão rigorosa”, pertencendo a um entre-lugar, uma vez que não lhe cabia o domínio da razão, tampouco se poderia considerá-lo louco, ele não pertencia a nenhuma dessas terras. O sujeito-pai é a configuração de um sujeito marginal,

que se situa nos limites das águas e no ir e vir do rio, não podendo pertencer a nenhum dos níveis das águas, potencializados pela loucura,

SE 01 Nosso pai era homem cumpridor, **ordeiro**, positivo; e sido assim desde mocinho e menino, pelo que testemunharam as diversas sensatas pessoas, quando indaguei a informação (ROSA, 2005, p. 77, grifo nosso).

SE 02 Mas se deu que, certo dia, nosso pai mandou fazer para si uma canoa (ROSA, 2005, p. 77).

SE 03 Encomendou a canoa especial, de pau de vinhático, pequena, mal com a tabuinha da popa, **como para caber justo o remador**. Mas teve de ser toda fabricada, escolhida forte e arqueada em rijo, **própria para dever durar na água por uns vinte ou trinta anos** (ROSA, 2005, p. 77, grifos nossos).

SE 04 Nossa casa, no tempo, ainda era mais próxima do rio, obra de nem quarto de légua: o rio por aí se estendendo grande, calado que sempre. Largo, **de não se poder ver a forma da outra beira** (ROSA, 2005, p. 77).

Ainda que o discurso da loucura configure ao homem esse entre-lugar, os familiares atestavam a sua condição de normal, pois o homem possuía dada racionalidade que é marcada na narrativa pelo emprego, na *SE 01* do enunciado que se faz no masculino, “**ordeiro**”, isto é, aquele que pratica ou prioriza a ordem ou disciplina. Diante de um patriarcalismo estrutural e não por isso construído, cabe ao sujeito-pai assumir o controle da família. É do pai e pelo pai, a missão de prover o subsídio financeiro familiar, ao passo que instituído enquanto chefe familiar, reserva-se também a dada autonomia, isto é, ao poder instituído ao homem que lidera a família, ainda que essa responsabilidade se modifique posteriormente na narrativa. Dialogando com *A terceira margem do rio*, essa posição-sujeito é delineada no conto rosiano e confirmada na *SE 03*, pois a canoa que o homem manda fazer não fora qualquer canoa, mas uma “**para caber justo o remador**”, isto é, um único assento, bem como à singular posição atribuída ao homem, na qual tal lugar é reservado ao pai enquanto líder da família, não pudera ser ocupada ou modificada por terceiros. Quer seja pela esposa ou pelo filho que assume uma posição-narrador ao minuciar detalhes da narrativa. O barco, além de ser pequeno, também é próprio “**para dever durar na água por uns vinte ou trinta anos**”, anulando qualquer possibilidade de contestação desse papel, visto que assim como o material resistente de “**pau vinhático**”,

é vontade do homem se manter em tal lugar. A linha entre loucura e sanidade parece ser tênue ou feita de margens, assim como o rio de duas margens, o espaço descrito em *A terceira margem do rio* é em sua dimensão amplo, “**de não se poder ver a forma da outra beira**”, porque a loucura delimita o homem nesse “entre-meio” no qual o sujeito não pode e não é situado tampouco se alcança a margem do outro lado, isto é, da razão. Não pode e não é situado porque “**ordeiro**”, “**positivo**” e “**cumpridor**”, enunciados que se inscrevem no homem ao produzir subjetividades sensatas. O movimento acontece ao contrário e por definitivo em outros contos quando se trata do sujeito-mulher, uma vez que ele é chancelado no terreno da loucura, não oferecendo possibilidades de escolhas de margens racionais.

Voltando à Foucault (2019), o filósofo descreve que ao final da Idade Média, a loucura assume outro olhar, não mais o do prazer como os doentes venéreos ou da ausência de uma moral cristã, mas uma insanidade a qual ninguém pode ser de fato culpado. É então que a loucura se estabelece no eixo de uma crítica da razão, através do teatro, da literatura erudita e da comédia. O louco sai de um papel ridicularizado ao centro do palco, como protagonista da verdade, ao contrário de como irá figurar na literatura da época. A linguagem do louco, conforme enuncia Foucault (2019), é parva, não se pode inscrevê-la no âmbito da razão, porque o louco é justamente o “desrazoável”, um engano de si próprio. Quando a loucura perturba a consciência, é o louco, na comédia, o incumbido de trazer a verdade à superfície de cada um, revelando a demência do homem, trazendo a sua superfície a sua própria e devassa verdade, por vezes desrazoada.

Pensar na loucura como uma parvoíce que o louco a detém sem ao menos se dar conta, é olhar para a loucura enquanto objeto e discurso que tão somente configura um saber, mas se oferece à produção de novos discursos e saberes outros que frequentemente são localizados em outras áreas. Dialogando com os contos, quando pensamos em tal discurso e no agenciamento do sujeito de Nhinhinha que é descrita no conto *A menina de lá* como uma menina que subverte suas práticas linguageiras e por vezes escapa o sentido racional esperado ou potencializado pela família. O sujeito-personagem em questão vivia sempre reclusa e em silêncio, conforme observamos na *SE 05*, os enunciados “**absurdo**”, “**vago**”, “**estranho**” objetivam e delineiam à menina ao nível da loucura, da estranheza e da confusão, subjetividades comensuradas no absurdo, disparate materializado na

linguagem da menina. Ao apontar para a loucura que interpela essa constituição, percebemos que se esbarra na inversão de sentidos ao oferecer a utilização de um mesmo objeto em um contexto diferente. Em outras palavras, o discurso que configura atitudes de loucura para a menina, abre possibilidades para a produção de riquezas e de lucro que pode ser extraído de Nhinhinha enquanto suporte material e lucrativo. A loucura deixa de ser vista com demasiada bizarrice e esse objeto passa a operar em favor à necessidade financeira e agrária da família, na qual a figura masculina do pai se interessa pelo desatino, na medida em que esse pode ser usado em benefício próprio, seja para que a menina faça chover durante o tempo de seca e em prol de colheitas ou que esperem-na crescer para “ajudar” a família a prosperar, como podemos observar no excerto a seguir

SE 05 Parava quieta, não queria bruxas de pano, brinquedo nenhum, sempre sentadinha onde se achasse, pouco se mexia. – **“Ninguém entende muita coisa que ela fala...”** – dizia o Pai com certo espanto. Menos pela **estranhez** das palavras, pois só em raro ela perguntava, por exemplo: – **“Ele xurugou?”** – e, vai ver, quem e o quê, jamais se saberia. Mas, pelo **esquisito do juízo** ou enfeitado do sentido. Ou referia **estórias, absurdas, vagas**, tudo muito curto (...) (ROSA, 2005, p. 65, grifos nossos).

O comportamento da menina é caracterizado pela anormalidade em comparação com outras crianças, Nhinhinha fugia à regra. Não gostava de nenhum tipo de brinquedo, bem como **“bruxas de pano”**, isto é, bonecas de pano ou objeto comumente designado às mulheres quando crianças. Meninas brincam “com bonecas” e meninos “com carrinho”, quem nunca ouviu falar disso?! A menina se nega a subverter-se às identidades e comportamentos heterossexualmente delineados dentro de padrões ou modelos estéticos como também subverte seu modo de falar ou comunicar-se. Joga com as palavras, criara neologismos que ganham o lugar da diferença na narrativa, uma vez que são raras as falas, como podem ser mensuradas na *SE 05*. O grifo em itálico não apenas marca, no diálogo, a abertura de fala do sujeito-personagem na literatura, mas registra o que é diferente dentro de um padrão de normalidade. O discurso da loucura qualifica a fala subvertida, a invenção de palavras e frases que contrariam o senso comum e afronta um determinado efeito de verdade porque são **“absurdas”**. A loucura delineia um modelo de ‘ser’, isto é, uma identidade louca que atravessa e constitui o sujeito de Nhinhinha, ainda que o sujeito resista aos mandos. À ela é configurada uma identidade única, pois no processo de

construção identitária, o sujeito subverte e (re)inventa enunciados e ordens como, “**ele xurugou?**”, quer quer dizer “provocou”⁹. Diante de uma linearidade em níveis linguísticos, a linguagem da menina em nada se aproxima de uma norma gramatical, mas denota dada compreensão de sentidos para o sujeito ao passo que a constitui, uma vez que na e pela recorrência de tais práticas no conto, a menina não se assujeita às regras e às ordens da família, mas tece suas próprias subjetividades a partir da/na linguagem.

Por conseguinte, a literatura pode ser considerado um espaço despovoado de reduplicação e de embates ao infinito, no qual o discurso da loucura é considerado capaz de romper. Fernandes (2006) propõe uma reflexão a partir dos postulados de Foucault para se pensar de que forma o ser da literatura se situa nesse espaço de simulacro vazio e repetível que (se) constitui o fora da obra. De acordo com FERNANDES (2006, p. 3), “a literatura é afirmada como espaço vazio onde as obras literárias se alojam, e esse espaço vazio que as acolhe constitui a literatura” ao ser considerada uma construção moderna é corolário de saberes, capaz de falar sobre a linguagem. Pensar na literatura enquanto espaço vazio é compreender o ‘ser da literatura’ como uma construção resultada de determinados saberes, um espaço em que é possível produzir diferentes efeito(s) de sentido e discursos que também podem falar dela mesma. A loucura enquanto fenômeno ou discurso irrompe a brancura do papel, na medida que é a representação da transgressão de uma norma, isto é, da racionalidade, pois ao romper com a razão, o sujeito-mulher dos contos rosianos *A menina de lá* ou em *Sorôco, sua mãe, sua filha* são caracterizadas como loucas e diante disso, a solução é a morte ou o envio ao hospício, respectivamente. A literatura é uma linguagem de transgressão, reduplicação ao infinito em um espaço vazio e exterior à obra e a si mesmo, possibilitando a emergência e dispersão de discursos e enunciados outros que produzem efeitos de sentido, vontades de verdade, que legitima, mas também é capaz de dessacralizar um já dito ou identidades previamente estabelecidas.

MUROS QUE SEGREGAM: a terceira ordem da repressão e o aparelho jurídico na catalogação do corpo louco

⁹ Definição informal da palavra *xurugou*, podendo ser visualizada no sítio [dicionarioinformal.com.br](https://www.dicionarioinformal.com.br/xurugou/). Disponível em: <https://www.dicionarioinformal.com.br/xurugou/>. Acesso em 16 de jan. de 2022.

A história da loucura verifica-se também em outra grande “ruptura”. Dialogando com Machado (2000), a criação do Hospital Geral dá significado a sua fundação antes mesmo da reforma psiquiátrica de Pinel e Esquirol no séc. XVIII. O Hospital Geral foi construído em Paris depois de um decreto assinado por Luís XIV, que cancelava a sua construção. O internamento dos loucos ou considerados loucos é o projeto visivelmente mais assustador do período clássico, pois ele denotará o espetáculo da loucura sob diversas formas e as técnicas e práticas de tortura dos loucos. Um espaço de curáveis e irremediáveis. Em um primeiro momento, o hospital geral destina-se aos pobres de Paris, independente do sexo, da idade ou das condições sociais. As ordens são para abrigá-los, realocá-los, proporcionar o alimento tanto daqueles que “merecem” ou não o “tratamento”, ou seja, àqueles que enviados aos depósitos pelo rei ou pela “jurisdição”, uma vez que ainda não existia, politicamente falando, um sistema judiciário.

Foucault descreve o hospital como uma unidade cujos fins não se pautam somente em uma “recuperação” médica, pois é essa mesma unidade cuja função perpassa as ordens da lei, do julgamento e da execução de sujeitos que a sociedade desejava colocar às margens, mantê-los distantes ao limpá-los para o hospital geral sob um édito monárquico e uma burguesia dominante, “soberania quase absoluta, jurisdição sem apelações, direito da execução contra o qual nada pode prevalecer – o Hospital Geral é um estranho poder que o rei estabelece entre a polícia e a justiça, nos limites da lei: *é a terceira ordem da repressão*” (FOUCAULT, 2019, p. 50, grifo nosso). Na Inglaterra, foram chamadas de *house of correction* ou *workhouses*. Muitos leprosários também foram utilizados como casas de internamento. Diante de um caráter muito mais moral e político que o seu objetivo inicial, essas práticas de reclusão originam-se do período clássico e se modificam em seu contexto histórico-social. Essas casas de internamento mais tarde vieram a ser os hospícios, subsidiados pelo governo e pela igreja, cabendo ao juiz, o poder de decidir e julgar, conforme os dizeres de Foucault “os grandes hospícios, as casas de internamento, obras de religião e de ordem pública, de auxílio e punição, caridade e previdência governamental são um fato da era clássica: tão universais quanto ela e quase contemporâneos de seu nascimento” (FOUCAULT, 2019, p. 53).

Ao dispor do conto rosiano *Sorôco, sua mãe, sua filha*, observa-se que esse poder e a repressão que incide sobre as mulheres consideradas loucas, advém dos curiosos que acompanhara o cortejo até a estação, onde os sujeitos-personagens da mãe e filha tomariam o carro com destino ao manicômio. A população que acompanhara a insana procissão até a estação é responsável por cancelar o destino da mãe e da filha de Sorôco. Embora a tristeza do homem fosse aparente, é sobre elas que recai o aprisionamento e a reclusão, uma sentença gratuita às mulheres sem chances de qualquer reação e somente a elas? Além de ser um narrador onisciente, se orienta às marcações muito embora marcado pela substituição do uso corriqueiro dos enunciados “**nós**” por “**a gente**” que pode ser visualizado nas *SE 07* e *08*, ao ser conjugado em primeira pessoa, informalmente, cabe ao povo o julgamento. O poder que essa instância detém, certifica-se do gesto de envio ao internamento, pois a população, marcada na *SE 09*, não apenas se incumbe de “**falar com sensatez**”, ao ocupar uma posição-sujeito na/da razão, mas observa e valida o envio de forma rápida e oferece, na contramão do “**expresso do rio**”, compaixão ao viúvo Sorôco, conforme podemos visualizar em algumas das sequências enunciativas selecionadas,

SE 06 Aquele carro parara na linha de resguardo, desde a véspera, tinha vindo com o **expresso do Rio**, e estava lá, no desvio de dentro, na esplanada da estação (ROSA, 2005, p. 61).

SE 07 Não era um vagão comum de passageiros, de primeira, só que mais vistoso, todo novo. **A gente** reparando, notava as diferenças (ROSA, 2005, p. 61, grifo nosso).

SE 08 **A gente** sabia que, com pouco, ele ia rodar de volta, atrelado ao expresso daí de baixo, fazendo parte da composição (ROSA, 2005, p. 61, grifo nosso).

SE 09 As muitas pessoas já estavam de ajuntamento, em beira do carro, para esperar. **As pessoas não queriam poder ficar se entristecendo**, conversavam, **cada um porfiando no falar com sensatez**, como sabendo mais do que os outros a prática do acontecer das coisas (ROSA, 2005, p. 61).

SE 10 De antes, Sorôco agüentara de repassar tantas **desgraças**, de morar com as duas, peleva. Daí, com os anos, elas pioraram, ele não dava mais conta, teve de chamar ajuda, que foi preciso (ROSA, 2005, p. 63, grifo nosso).

Na *SE 09*, a sensibilidade da loucura que se inscreve no sujeito-mulher é porfiada a um significado de desqualificação e menosprezo das mulheres e suas aptidões, pois “as pessoas não queriam poder ficar se entristecendo” com as atitudes e comportamentos anormais que elas desempenham no caminho para a estação. A resposta do povo incide sobre o homem, reconhece a verdade do “gesto que aprisiona” e se refere a Sorôco com compaixão, pois convivera tempo demais com as mulheres que são delineadas na *SE 10*, sob o enunciado “**desgraça**”, que expressa um sujeito infeliz ou miserável, bem como caracteriza o inábil e o infame. Mais do que um local de tratamento, o internamento representara para Sorôco, um alívio. O sanatório, descrito em *Sorôco sua mãe, sua filha* foi antes conhecido como casas de detenção. Segundo Foucault (2019), em poucos anos essas casas de detenção se multiplicam por toda Europa e ao final do século XVIII, verifica-se que as faces agora eram outras: condenados pela justiça, vagabundos, jovens transgressores, insanos, miseráveis, pobres, figuras variadas.

Se para o *pobre os lugares são mais longe*¹⁰ e é esse o lugar onde os sujeitos-personagens da mãe e da filha são situados, não importando onde, desde que estejam distantes da convivência em sociedade. Embora, o distante destino o qual as miseráveis loucas de Sorôco seriam levadas, tão somente se valem sob as suas características insanas, como é por meio desse ritual de excomunhão que se afasta também os eminentes sinais de marcação corporal do enunciado pobreza, ao serem descritas e caracterizadas em constante confusão e desarranjo. A vestimenta logo se torna um enunciado pelo qual podemos falar sobre essa questão, delimitada no campo da linguagem, com o uso de substantivos para caracterizar os trajes: “**roupas**”, “**tiras**”, “**faixas**” que estabelece uma relação das mulheres com a pobreza e desorganização, conforme podemos observar abaixo:

SE 11 A moça punha os olhos no alto, que nem os santos e os espantados, vinha enfeitada de disparates, num aspecto de admiração. Assim com panos e papéis, de diversas cores, uma carapuça em cima dos espalhados cabelos, e enfunada em tantas roupas ainda de mais misturas, **tiras e faixas, dependuradas - virundangas: matéria de maluco** (ROSA, 2005, p. 62, grifo nosso).

¹⁰ Referência ao conto *Sorôco, sua mãe sua filha* (ROSA, 2005, p. 62).

Na *SE 11*, a pobreza é um discurso que configura a “morte” das mulheres, isto é, se oferece ao encerramento das mulheres loucas ao manicômio, pois além de “loucas”, esse discurso, ainda que *não-visível e não-oculto* (FOUCAULT, 2020), intensifica o movimento de envio ao sanatório a partir, também do corpo e de suas caracterizações visíveis que também são discursivas, pois esse sujeito é pormenorizado a partir do olhar de terceiros, conforme observamos na sequência enunciativa acima. A marcação desse discurso se dá de forma indireta e ganha expressão na narrativa ao ser materializado no corpo enquanto suporte para a inscrição de enunciados que exprimem e caracterizam as vestimentas das mulheres como “**virundangas**”, ainda que esse enunciado possa ser o resultado de um neologismo advindo da função-autor como criadora, o termo “**burundanga**”¹¹ cujo significado se orienta àquilo que não possui valor e também denota como sinônimo de confusão ou trapalhadas, o seu posicionamento em níveis sintagmáticos restringe os enunciados que caracterizam as vestimentas do sujeito-mulher.

No século XVIII, houve-se uma necessidade de “catalogação” dos loucos, a partir do gesto da alienação e da segregação com o qual Foucault (2019) estava preocupado em compreender como se davam esses processos, quais eram os procedimentos e técnicas utilizadas, como eram sistematizados, de onde vinha esse público tão heterogêneo, visto que a grande internação começa a agrupar os considerados loucos sob suas semelhanças, sujeitos cuja razão do internamento não era suficiente para se explicar. As mulheres eram “agrupadas” de acordo com critérios de idade, intelecto, condições de saúde, condenadas por cartas régias, etc. O quadriculamento do espaço é uma preocupação e uma das características das disciplinas. A delimitação do lugar não se destina apenas à visibilidade dos loucos, mas o monitoramento e o controle da ordem. Dialogando com Foucault (2019, p. 82), havia mulheres, “ordinárias”, “mulheres caducas”, “velhas senis ou enfermas”, “epilépticas”, “inocentes mal formadas e disformes”, “espírito fraco”, “moças incorrigíveis”, “prostituta” “portadoras de doenças venéreas” e aquelas que momentaneamente manifestavam uma “loucura violenta”. O internamento representava um regime de penitência em que essas loucas deveriam quitar por ultrapassar a norma, na maioria das vezes, religiosa. Em um primeiro momento, por serem taxados loucas e

¹¹Significado expresso do termo *burundanga* pode ser visualizado no sítio Dicionário Informal. Disponível em: <https://www.dicionarioinformal.com.br/burundanga/>. Acesso em: 16 de jan. de 2022.

encarceradas e, posteriormente, no internamento sob técnicas de castigo, açoitamentos e chicoteadas em que só através dessa “expição” do mal é que talvez poderiam ser soltas. Os “remédios” não eram somente físicos, pois a punição recaia sobre o corpo, em uma tentativa de encontrar no corpo uma “cura” para a loucura, mas também eram remédios de valores morais e éticos.

O internamento foi o pontapé inicial para a patologização da loucura, mas antes disso, ele reproduziu uma naturalização dos alienados com todos os outros internos “correcionais” sob velhas práticas que tinham como finalidade, os anseios da burguesia. Praxes não somente médicas, mas sobretudo, jurídicas. De um lado, uma medicina que não havia sido formulada. De outro, a história que encontrara as suas razões no âmbito social, bastando-lhes uma verdade para deslocar do internamento à hospitalização cujos objetivos pautara no reconhecimento da loucura como doença mental. O discurso da loucura na narrativa de *Sorôco, sua mãe, sua filha*, emerge na tênue linha entre a condição de capacidade do pensamento (razão) e a irracionalidade (não-razão). O agenciamento do sujeito em relações de força e saberes, potencializam o comportamento do sujeito-mulher dentro de uma norma, mas o localiza às margens porque “**transtornadas**”, reconhecendo-o enquanto sujeito apenas no âmbito normalizado do internamento.

Gostaríamos de encaminhar este artigo destacando que o discurso da loucura foi articulado pela norma ao se fixar no páreo da razão. De acordo com Foucault (2019), o louco foi constituído nesse cenário oscilante, como o oráculo das vontades finais da loucura, anunciando as derradeiras verdades, instintos, desejos e perversidades do homem. Se existe loucura, foi porque, em algum momento, ela foi lançada à racionalidade da vida humana ao fixar normas segundo à razão. Mas não qualquer norma. O enunciado da loucura foi aderido pela ordem burguesa com fins de ser utilizado pela classe dominante dos últimos séculos em favor de seus próprios desejos, necessidades e, principalmente, interesses econômicos. Forjou-se no horizonte de uma enganadora liberdade, revestida e encoberta por um discurso “médico-psiquiátrico” que segregou e solapou diferentes sujeitos. A linguagem da loucura foi e ainda continua sendo a do silêncio, a do vazio, na medida que os sujeitos (velhas caducas, prostitutas, delinquentes, alienados, desatinados, incorrigíveis) mulheres e homens submetidos a uma ostensiva, mascarada e cruel repressão e utilização de forças que, conseqüentemente ditara técnicas

e regras específicas para os sujeito-mulheres e recortara inúmeras outras para os sujeito-homens. A insanidade foi utilizada como subterfúgio para destituir identidades, corpos, direitos e singulares histórias. Mas também equalizou outras, em uma tentativa de alinhar os desviantes sociais ao ideal progressista, liberal e econômico burguês. Investira-se no corpo, apontando os seus terrenos de (co)existência, delineando novos mecanismos, técnicas e aparelhagens que, buscaram extrair, no limbo da consciência humana, o lucro recluso do homem.

REFERÊNCIAS

ARBEX, Daniela. *Holocausto Brasileiro*. 1 ed. São Paulo: Geração Editorial, 2013, 277p.

COSTA, Haloana Moreira; FIGUEIRA-BORGES, Guilherme. DISCURSIVIDADES EM FOTOGRAFIA: notas sobre a constituição do corpo feminino na história. *Revista Ícone*, V. 18, n.2, 2018, p. 174-188.

FERNANDES, Cleudemar Alves. “Literatura em Foucault: infinita exterioridade”. In: SANTOS, João Bosco Cabral; FERNANDES, Cleudemar Alves. *Análise do Discurso: objetos literários e midiáticos*. Goiânia: Trilhas Urbanas, 2006. p. 15 – 24.

FIGUEIRA-BORGES, Guilherme. Autor, discurso fundante e construção de sensibilidade. Dossiê em homenagem ao Professor Dr. João Bôsko Cabral dos Santos. *Cadernos Discursivos*, Goiás. Edição Especial, v. 2 n 1, p. 151-161, 2019.

FOUCAULT, Michel. *O que é um autor?* 3 ed. Trad. Antônio Fernando Cascais e Eduardo Cordeiro. FOUCAULT, Michel. Lisboa: Passagens, 1992, 83p.

FOUCAULT, Michel. *História da Loucura na Idade Clássica*. 12 ed. Trad. José Teixeira Coelho Neto. São Paulo: Perspectiva, 2019, 662p.

FOUCAULT, Michel. *A arqueologia do saber*. 8 ed. Trad. Luiz Felipe Baeta Neves. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2020, 254p.

MACHADO, Roberto. **Foucault, a filosofia e a literatura**. Rio de Janeiro: Zahar, 2000, 187p.

MENDES, Tainara Rodrigues. **LOUCURA E IDENTIDADES DE GÊNERO E DE SEXUALIDADE NA OBRA PRIMEIRAS ESTÓRIAS, DE GUIMARÃES ROSA**. 2022. 114 f. Dissertação (Mestrado em Estudos da Linguagem) - Universidade Federal de Catalão, Catalão, 2022.

MENDES, Tainara Rodrigues; FIGUEIRA-BORGES, Guilherme. NUANCES SOBRE O DISCURSO DA LOUCURA, IDENTIDADE DE GÊNERO E DE SEXUALIDADE EM PRIMEIRAS ESTÓRIAS, DE GUIMARÃES ROSA. Dossiê “60 anos da obra História da Loucura, de Michel Foucault”. **Cadernos Discursivos**, Catalão-GO, Edição Especial, p. 141-165, 2022. (ISSN: 2317-1006 - online).

NALLI, Marcos Alexandre Gomes. *Foucault e a fenomenologia: uma leitura da Proto-Arqueologia e de Histoire de la Folie*. Campinas, SP: [s n], 2003. Tese de doutoramento. Disponível em: <http://repositorio.unicamp.br/jspui/handle/REPOSIP/279812>. Acesso: 06 de mar. de 2021.

PRADO FILHO, Kleber. A genealogia como método histórico de análise de práticas e relações de poder. *Revista de Ciências HUMANAS*. Florianópolis, v. 51, n. 2, p. 311-327, dez. 2017. Disponível em: <https://periodicos.ufsc.br/index.php/revistacfh/article/view/2178-4582.2017v51n2p311>>. Acesso em: 23 de set. de 2020.

ROSA, João Guimarães. *Primeiras Estórias*. 1 ed especial. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, (1962; 2005), 213p.

ROSA, João Guimarães. Sorôco, sua mãe, sua filha. In: *Primeiras Estórias*. 1 ed especial. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2005, p. 61-64.

ROSA, João Guimarães. A menina de lá. In: *Primeiras Estórias*. 1 ed especial. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2005, p. 65-75.

ROSA, João Guimarães. A terceira margem do rio. In: *Primeiras Estórias*. 1 ed especial. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2005, p. 77-82.

Recebido em fevereiro de 2022.

Aceito em agosto de 2022.